

FLÁVIO DE CARVALHO E OSWALD DE ANDRADE: ACTANTES PROVOCADORES E ATOS PERFORMÁTICOS

Nanci de Freitas (UERJ)

GT: Teatro Brasileiro

Palavras-chave: Flávio de Carvalho; Oswald de Andrade; performance, teatro

Flávio de Carvalho (1899-1973), artista plástico, teatrólogo e engenheiro, realizou sua famosa *Experiência nº 2*, em junho de 1931, em São Paulo, durante uma procissão de *Corpus Christi*. O experimento teria sido motivado pela revolta do artista diante das agressões sofridas por Oswald de Andrade e Pagu, nos episódios que levaram ao fechamento do jornal *O homem do povo*.¹

Apesar de não estar filiado a nenhum partido, *O homem do povo* apoiava a esquerda revolucionária, em prol da realização de reformas, acirrando o embate ideológico pela exposição pública de nomes de destaque da vida nacional. O jornal adotava um humor corrosivo, visando a classe dominante, a Igreja, a moral católica e os costumes da sociedade bem pensante.

Em abril de 1931, as críticas dirigidas à Faculdade de Direito provocaram a ira dos estudantes, que reagiram com a tentativa de agressão física a Oswald e à Pagu, quando eles saíram da redação, que ficava na Praça da Sé. A interferência da polícia conseguiria impedir que o casal fosse linchado pelos estudantes e populares que se aproveitaram do alvoroço. No mesmo dia, Oswald revidou a agressão, publicando um editorial com o título, “As angústias de Piratininga”, em que atacava o manifesto do Partido Democrático: “precioso e ridículo, como literatura política, nulo de visão social, fechado no mais estreito e pífio provincianismo, vertendo apenas o pus que brota dos dois cancros de São Paulo – a Faculdade de Direito e o café”. (Apud Fonseca, 1990: 198-199). A reação dos estudantes foi imediata: empastelaram o jornal, destruindo móveis e arquivos. A contenda terminou com a prisão do casal (e não dos estudantes), sob gritos da multidão: “Morra o comunismo! Abaixo o vendido de Moscou! Lincha! Mata!”. Pagu foi processada sob a acusação (não comprovada) de ter utilizado arma de fogo no enfrentamento; Oswald foi acusado de insulto e provocação; o jornal foi fechado por determinação do Secretário de Segurança do Estado. (Boaventura, 1995: 157/158).²

O fato levaria Flávio a articular “uma minuciosa analogia com suas excitantes leituras de Freud, Le Bom e Trotter sobre o comportamento imbecil das multidões exasperadas”, procurando descobrir quais “os vetores energéticos da coesão social” que teriam conduzido à fúria coletiva. (Toledo, 1994: 103). Num domingo, Flávio de Carvalho passeava pela Praça da Sé, mesmo local do “martírio jornalístico de Oswald e Pagu”, quando se deparou com os preparativos para a saída da procissão de *Corpus Christi*. É Flávio quem descreve:

Negras velhas de óculos e batinas, grupos de homens de cor segurando estandartes, velas; anjinhos sujos enfeitados com estrelas de papel dourado mal pregadas, mulheres gordas vestidas de cor de rosa com cabelo bem emplastrado, olhavam o mundo em redor com infinita piedade. Uma sucessão de gaze amarela, de tecidos pretos, veludos, padres rendados, crianças engomadas pintadas e sujas de pó de arroz, olhavam com espanto; freiras gordas e pálidas se mexiam como besouros enormes, e o tráfego parado. Olhei para a catedral e vi no topo da escadaria, homens beatos que arranjavam com um cuidado sexual, ramos de folhas, flores, panos dourados e coisas em torno de um altar. (Carvalho: 1931: 7).

Ocorreria a Flávio, então, fazer algo que lhe possibilitasse “desvendar a alma dos crentes”. Ele pegou em sua casa um boné verde-musgo de veludo, muito popular no norte da Inglaterra, Irlanda e Escócia. Portando o exótico boné, Flávio caminhava ao lado da procissão, em sentido contrário, e “fitando os olhos das mulheres mais interessantes, causando um clima de afronta e sensualidade pagã”. A figura daquele homem enorme, em explícita atitude profana, se contrapõe às tradições católicas. Em meio aos sussurros e comentários, alguém grita: “Tira o chapéu!!!”. Bastante nervoso, o pesquisador antropófago deixa escapar uma palavra: “Covardes!”. Como uma bomba-relógio, “uma voz anônima aperta o gatilho emocional da multidão inquieta: Lincha!”. Flávio começa, então, a correr pela praça, perseguido pela multidão ensandecida (homens, mulheres, crianças, “irmãos marianos”, padres), portando velas, castiçais, crucifixos ameaçadores, agitando estandartes. Todos, possuídos pela fúria visionária, gritavam: “Lincha! Mata!!!”. (J. Toledo, 1994: 107). A perseguição ao artista provocaria grande anarquia e pânico nas imediações da Praça da Sé. O experimento terminou na polícia, com o pesquisador explicando que havia tentado apenas fazer “um simples e inocente estudo da psicologia das multidões”. (Ibid.: 109).³

A *Experiência nº 2* iria gerar especulações em torno de qual teria sido, afinal, a experiência nº 1. Falou-se de referência à condenação do aristocrata francês, Jean François Lefebvre, Chevalier de La Barre (1747-1766). O nobre fora acusado de heresia porque, encontrando-se embriagado, cantara uma canção chamando Maria Madalena de puta, além de “ter mutilado um crucifixo, o que o levava à prisão, onde fora julgado e condenado em 1766, sendo a seguir torturado, decapitado e

seu corpo queimado na fogueira”. Consta que Voltaire, na época envolvido com o seu *Traité sur la Tolérance*, ficaria profundamente revoltado e faria uma campanha para reabilitar o nome do aristocrata. (Ibid.: 115).⁴

O experimento faria de Flávio de Carvalho uma espécie de precursor da performance, no Brasil. O termo performance só iria surgir nos anos sessenta com a *performance art*, definida como uma espécie de “teatro das artes visuais”. Num sentido específico, o *performer* é aquele que fala e age em seu próprio nome (como artista e pessoa) e como tal se dirige ao público, ao passo que o ator faz o papel do outro.

Se Flávio de Carvalho fora movido pela indignação à violência sofrida por Oswald e Pagu, no episódio de *O homem do povo*, Oswald retribuiria a homenagem, escrevendo a peça *O homem e o cavalo* – para o Teatro da Experiência, criado por Flávio –, que chegou a ser ensaiada, mas não encenada. E mais que isso: iria aludir à “performance” em sua peça. No 8º quadro de *O homem e o cavalo*, Oswald empreende uma releitura iconoclasta de diversos episódios evangélicos, visando ao desmonte dos mistérios que envolvem o nascimento, os milagres, a paixão e a ressurreição de Cristo, desmitificando os dogmas sobre os quais se edificou a Igreja Católica.

Na primeira cena, diante de uma multidão de “soldados romanos, mulheres, apóstolos, escravos” e personagens bíblicas, o Soldado Vermelho anuncia o início do julgamento de Cristo. Os cânticos religiosos e o som de um órgão imprimem uma atmosfera solene para a entrada de Jesus. A cena é interrompida por um coro, formado por “vozes de eunucos e velhas”, que, entoando uma canção profana, dessacraliza a presença de Jesus Cristo (trata-se de uma paródia do cântico “Louvando Maria”): “Vestido de branco/ Chegou afinal!/ Trazendo na cinta/ Pistola e punhal!/ Pra dar na cabeça/ Do pobre e do mau/ Gentil Bernadete/ Pegando no pau! (Andrade, 1990: 95).⁵ A multidão reage à blasfema com “gritos e urros histéricos”, perseguindo e desmobilizando o grupo provocador:

Vozes – Viva o Chanceler! Viva! Péu! Péu! Tira o chapéu! Tira Flávio! Lincha! Mata!

A Voz de um Engenheiro – Evidentemente, coagido pela força bruta, vencido pelo número, vejo-me forçado a continuar o meu caminho sem chapéu. Mas esse puto me paga! (Sons de castanholas. Tumulto).

Vozes – *Viva la gracia! Outro toro! Mi cago en Dios!* Viva o senhor do sábado! Tira o chapéu, Flávio! Péu! Péu! Fora! Não tira! Deus da burguesia! Fora! Põe o chapéu! Desacata esse veado! Fora! Fora! (Ibid.: 95-96).

A saudação jocosa à entrada em cena de Cristo relembra e revida as manifestações de intolerância da multidão e da sociedade, insufladas pela moral burguesa e cristã, citando os dois

episódios – aquele vivenciado, antes, por Oswald e Pagu e, depois, o experimento de Flávio de Carvalho. O *performer* não confirmaria a relação entre sua experiência e o episódio Chevalier de La Barre. Mas o fato é que, na peça *O homem e o cavalo*, a personagem Madalena é introduzida, exatamente, na cena anterior ao coro profano, declamando uma poesia de cunho social, ponto de partida para um debate sobre a relação entre prostituição e monogamia:

Minha rua/ Minha rua em Magdala/ Cheia de meretrizes/ Roídas de doença/ Inundadas de perfume/
Mortas de fome/ Ninguém vive na minha rua/ Por querer/ Nem eu/ Nem as outras infelizes/ Os
fariseus freqüentam/ A minha rua/ Estreita/ Cheirando incenso e esperma/ Os homens da lei passam
por ela/ Eles sabem que o trabalho honrado/ Não rende/ A mulher e a filha do pobre/ Só arranjam
alguma nota/ Na minha rua/ Por isso a minha rua está cheia/ Por isso choro de noite/ Na minha rua/
Quando me lembro de mim. (Op. cit.: 94)

Estaria Oswald aludindo também ao caso Chevalier de La Barre? Nesse caso, o texto cênico justapõe os três episódios, que configuram manifestações contra a moralidade cristã, empreendidas por indivíduos, no espaço público. Gestos nos quais os actantes e suas convicções se afirmam em expressão de vida, adquirindo caráter performático. Referências que Oswald de Andrade reelabora em sua escrita metalinguística, procurando conferir-lhes sentido artístico em provocantes imagens cênicas.

Notas

¹ No jornal, de curta trajetória (de 27 de março a 13 de abril de 1931), Oswald assinava o editorial e vários textos, contando com Álvaro Duarte como editor, além de Pagu e Queirós Lima como secretários.

² Segundo Maria Eugênia Boaventura, os jornais *A folha da Noite* e o *Diário Nacional* apoiaram a ação dos estudantes.

³ A repercussão do episódio marcaria a trajetória profissional e intelectual de Flávio de Carvalho, que, em sua opinião, seria “prejudicada por uma campanha surda da sociedade influenciada pelo clero”. (Apud J. Toledo, p. 110).

⁴ O episódio aparece em “Relation de la mort du Chevalier de La Barre. In: Voltaire. *Oeuvres Complètes*. L. Moland, Paris, 1879. T. XXV, p. 503-16. Ver J. Toledo. (Ibid.: 114-115).

⁵ O cântico original narra a aparição da Virgem a Bernadete, em Lourdes, na França: “Vestida de branco, ela apareceu/ Trazendo na cinta as cores do céu./ O anjo descendo num raio de luz./ Feliz Bernardete, à fonte conduz”. Ver: *Manual do devoto de Nossa Senhora de Aparecida*. Aparecida: Santuário, 1984, p. 262-3.

Bibliografia

ANDRADE, Oswald de. *O homem e o cavalo*. São Paulo: Ed. Globo: Secretaria Estado da Cultura, 1990.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. Campinas: Editora da UNICAMP; Editora Ex Libris, 1995.

CARVALHO, Flávio de. *Experiência nº 2 – uma possível teoria e uma experiência*. São Paulo: Irmãos Ferraz, 1931.

FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade, 1890-1954: biografia*. São Paulo: Art Editora : Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

TOLEDO, J. Flávio de. *Carvalho: o comedor de emoções*. São Paulo: Brasiliense; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1994.